

06

06

AS FORMAS MEDIEVAIS DO MUNDO MODERNO

Study at King's

[Undergraduate](#) | [Postgraduate](#) | [More courses](#) | [International](#) | [Why King's?](#) | [Accommodation](#) | [Student life](#) | [Visit King's](#)



Risk Analysis, Disasters and Resilience MSc

[Apply now](#)

This Risk Analysis, Disasters and Resilience MSc programme will give you an advanced foundation in interdisciplinary studies of environmental, societal and technological risk and disaster in the global North and South. It's unique in uniting critical social and development perspectives on the underlying causes of disasters with expertise on governing, managing and communicating risks across a wide range of societal and public and private sector contexts.

Throughout this MSc you'll become equipped with the skills to critically analyse risk and disasters and develop reflexive problem-solving strategies, thanks to our unique combination of scholarship from development geography and political science to sociology and psychology. You'll gain an understanding of differential vulnerability and exposure to hazard and how they shape adaptation and resilience. You'll also build your knowledge of the political, organisational and societal contexts that shape decisions, actions and public communication on risk and disasters.

This course gives you the chance to connect scholarship with practice. As well as combining theoretical and case-based modules with an internship programme, you'll learn with insights from professionals in public, private and third-sector organisations.

Regards croisés sur les crises médiévales
(Europe du Nord-Ouest, Italie)

Les « crises » constituent aujourd'hui un sujet récurrent dans les ouvrages des économistes, biologistes, géographes, sociologues, politologues, spécialistes de l'environnement etc. L'actualité et l'ampleur du phénomène sont pour beaucoup dans cette récurrence. Il n'empêche que se pose le problème de la définition du concept de « crises », de son applicabilité et même de ses limites comme instrument analytique. Les consensus qui paraissent exister sur certaines périodes de l'histoire ancienne et de l'histoire médiévale, jusqu'alors qualifiées de « périodes de crise », ont été défaits. D'un autre côté, s'il est vrai que les travaux publiés au long des trois dernières décennies ont soutenu la continuité des constructions politiques et économiques romaines, mis en échec l'idée de mutation féodale et aussi réduit d'une manière importante l'ampleur de la crise démographique et économique du XIV^e siècle, cela a été fait globalement à partir des mêmes matériaux (textes, culture matérielle) utilisés par ceux qui, peu de temps avant, défendaient la position contraire. Ce qui est en jeu, finalement, ce sont les rapports des historiens, avec leurs sources : c'est un élément qu'on prendra en compte tout au long de ce colloque. Son programme, en réunissant des médiévistes belges, brésiliens, français et italiens, prétend apporter une contribution à ces discussions relatives aux « crises » dans l'Europe du Nord-Ouest et en Italie au Moyen Âge, sans prétendre épuiser l'éventail des sujets à traiter, tant il est vaste ; pour ce faire, les crises sont déclinées dans les champs politiques (les crises et les institutions urbaines ; les rapports avec les pouvoirs « supérieurs »), économiques et climatiques (les crises alimentaires), et naturellement, historiographiques (les crises et leurs expressions dans la production écrite). La rencontre mettra en tension des dossiers plus empiriques, des recherches en cours et des bilans théoriques visant à réfléchir sur le concept de « crises », son applicabilité et ses limites.



COMITÉ SCIENTIFIQUE

Marcelo Cândido da Silva - Laboratório de Estudos Medievais -
Universidade de São Paulo
Bruno Demoulin - Université de Liège
Igor Teixeira - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Alexis Wilkin - Université Libre de Bruxelles

CONTACTS

École française de Rome
Pierre Savy
Directeur des études médiévales
Grazia Perrino
Assistante scientifique

Piazza Farnese, 67 - 000186 Roma - Italia
T. +39 06 68 60 12 48 - secrma@efrome.it



23-24
JANVIER
2018

INSTITUT
HISTORIQUE
BELGE
DE ROME
VIA OMERO 8

EFR
ROMA
PIAZZA
NAVONA
62

Regards croisés sur les
crises médiévales
(Europe du Nord-Ouest, Italie)



Moyen Âge

COLLOQUE

WEBINÁRIO

17 DE MAIO DE 2021 • YOUTUBE.COM/LEMEUSP

CRISE E COLAPSO NAS SOCIEDADES ANTIGAS

16h-16h10 Abertura
Marcelo Cândido da Silva

16h10-16h50 Mesa 1
Mediação: Felipe Mendes Erra

Clima e crises alimentares na região parisiense da Alta Idade Média (séculos VIII-X)
Gabriel Cordeiro

Crise e decadência ou processos de renovação? Uma discussão da produção bibliográfica sobre o "colapso" maya do período clássico
Daniel Grecco

16h50-17h30 Mesa 2
Mediação: Vinicius Marino

Crise nas Colinas dos Mortos: Kaminaljuyu e o colapso nas terras altas maias
Fernando Pesce

Peste e resiliência na Dalmácia pós romana (séculos VI e VIII)
Marina Sanchez

17h35-17h55 Conclusão
Eduardo Natalino dos Santos

17h55-18h30 Perguntas e debate

CEMA
Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos

LE Me
LABORATÓRIO DE ESTUDOS MEDIEVAIS
NIJQUEUSP



About us

Current concerns about the environment and pandemics are undoubtedly influencing historiography: many studies discuss the relationship between climatic upheavals and epidemics in the Middle Ages, and the responses to them in ancient societies. In the best of cases, this historiographical renewal has shattered the consensus that seemed to exist on certain periods of ancient and medieval history, which had previously been described almost exclusively as 'periods of crisis' or growth. Conversely, however, attention to environmental phenomena has also led to less refined or even opportunistic responses that sometimes resurrect a certain natural and environmental determinism. This minimizes the fundamental role of human societies in the genesis and resolution of crises.



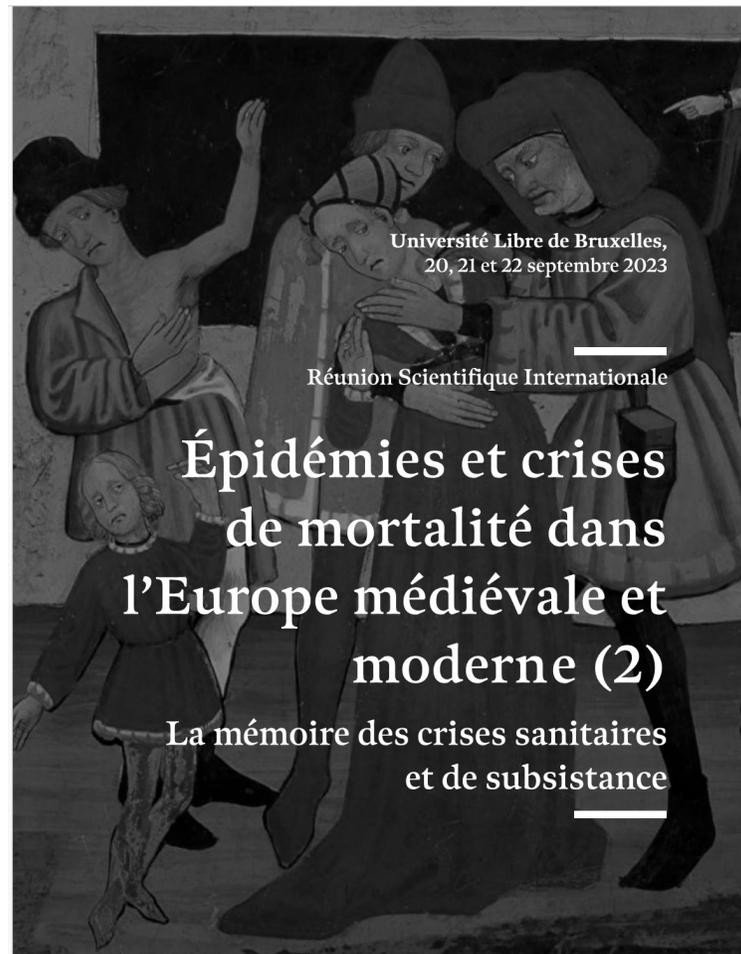

ÉCOLE FRANÇAISE
DE ROME
Histoire, Archéologie, Sciences sociales

École Française de Rome,
23, 24 et 25 novembre 2022

Réunion Scientifique Internationale

Épidémies et crises de mortalité dans l'Europe médiévale et moderne (1)

enjeux et perspectives
pluridisciplinaires de
recherche

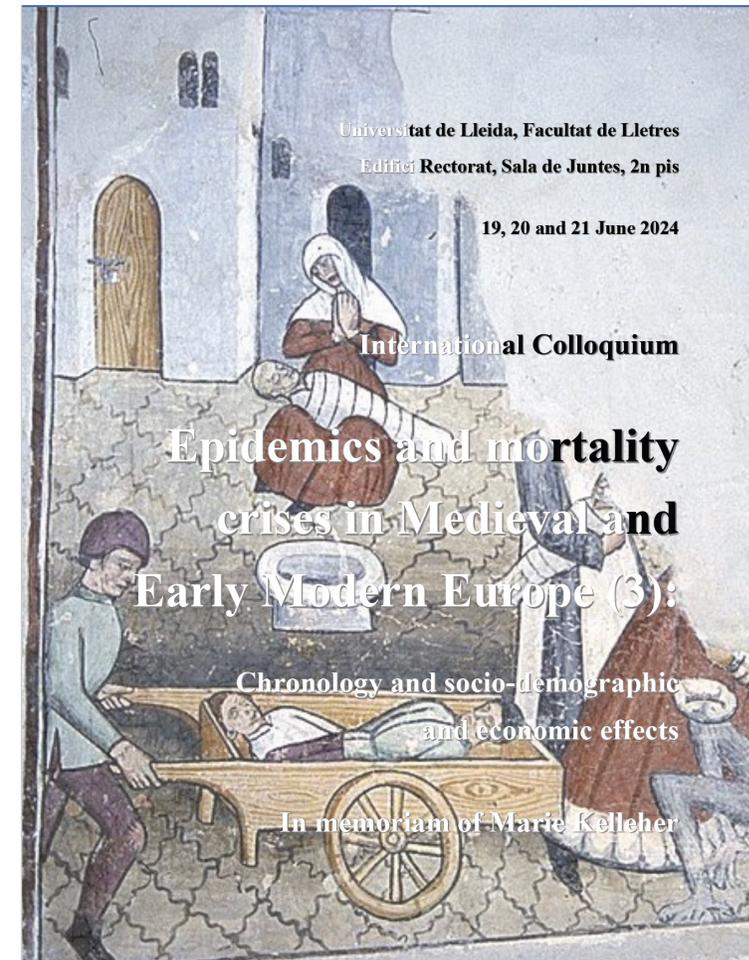


Université Libre de Bruxelles,
20, 21 et 22 septembre 2023

Réunion Scientifique Internationale

Épidémies et crises de mortalité dans l'Europe médiévale et moderne (2)

La mémoire des crises sanitaires
et de subsistance



Universitat de Lleida, Facultat de Lletres
Edifici Rectorat, Sala de Juntes, 2n pis

19, 20 and 21 June 2024

International Colloquium

Epidemics and mortality crises in Medieval and Early Modern Europe (3):

Chronology and socio-demographic
and economic effects

In memoriam of Marie Kelleher

AN
ESSAY
ON THE
PRINCIPLE OF POPULATION,
AS IT AFFECTS
THE FUTURE IMPROVEMENT OF SOCIETY.
WITH REMARKS
ON THE SPECULATIONS OF MR. GODWIN,
M. CONDORCET,
AND OTHER WRITERS.

LONDON:

PRINTED FOR J. JOHNSON, IN ST. PAUL'S
CHURCH-YARD.

1798.



Comparemos essas duas leis do crescimento: o resultado é impressionante. Contemos a população da Grã-Bretanha em onze milhões e suponhamos que o produto atual do seu solo seja suficiente para mantê-la. Ao final de vinte e cinco anos, a população será de vinte e dois milhões; e os alimentos, tendo igualmente dobrado, ainda serão suficientes para mantê-la. Após um segundo período de vinte e cinco anos, a população atingirá quarenta e quatro milhões: mas os meios de subsistência só poderão alimentar trinta e três milhões de habitantes. No período seguinte, a população, tendo atingido oitenta e oito milhões, só encontrará meios de subsistência para a metade desse número. No final do primeiro século, a população será de cento e setenta e seis milhões, enquanto os meios de subsistência serão suficientes para apenas cinquenta e seis milhões. Cento e vinte e um milhões de homens serão assim condenados a morrer de fome!

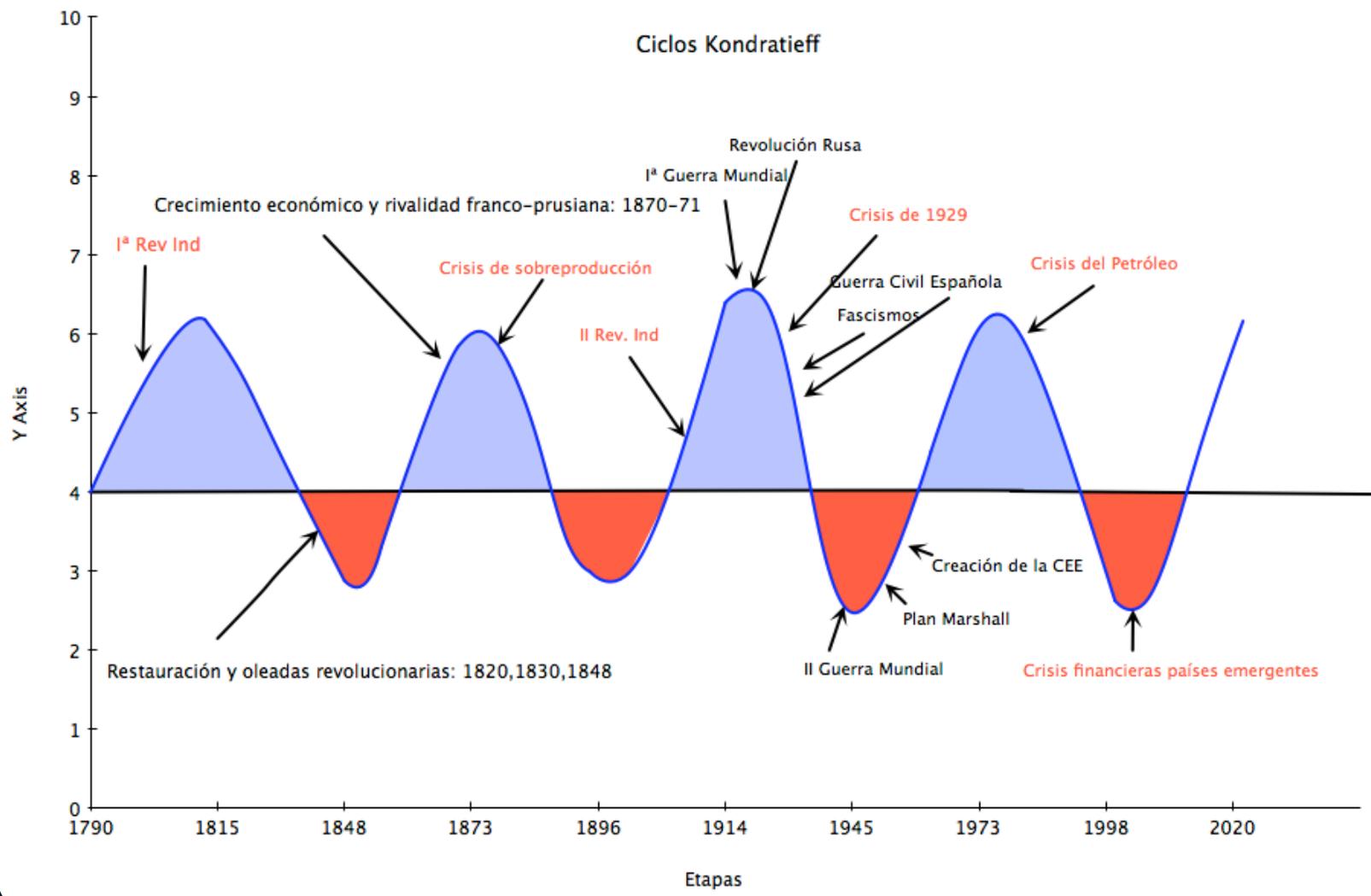


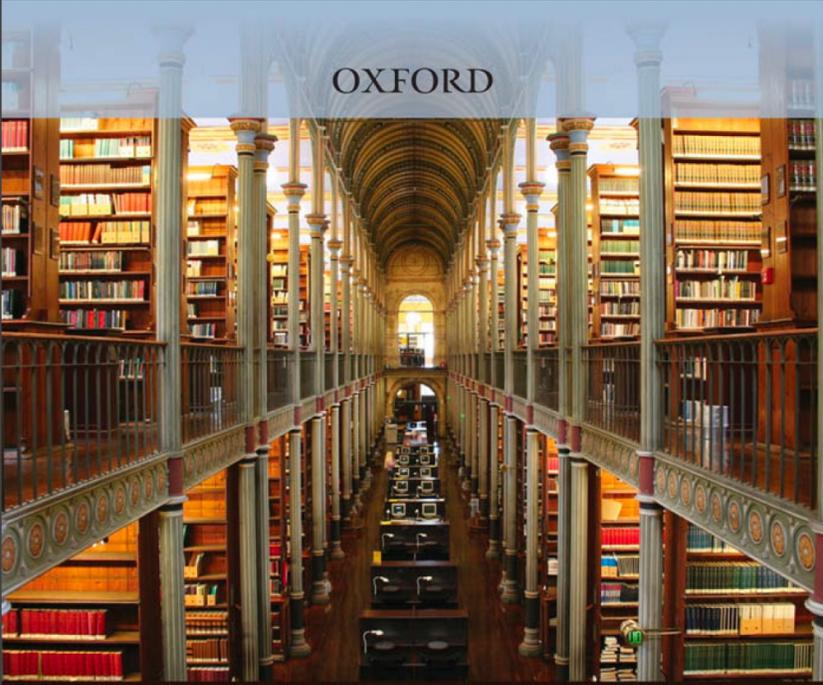
MARX, Karl. **O Capital**, p. 666, n. 7

Entretanto, os interesses conservadores aos quais Malthus servia o impediram de ver que a prolongação ilimitada da jornada de trabalho, combinada com um desenvolvimento extraordinário das máquinas e da exploração do trabalho das mulheres e das crianças, tornou inevitavelmente “redundante” uma parte da classe operária, particularmente após a cessação da demanda em tempo de guerra e o fim dos monopólios ingleses sobre o mercado mundial. Era muito mais prático, e muito mais em conformidade com os interesses das classes dirigentes, que Malthus idolatrava como um verdadeiro padre, explicar essa ‘superpopulação’ através das eternas leis da natureza do que simplesmente através das leis históricas da natureza da produção capitalista.

Historiografia após a 2ª Grande Guerra: “outono da Idade Média” teria começado desde o final do século XIII.

A crise é uma necessidade inscrita no funcionamento do período precedente, de crescimento: os séculos XIV e XV corresponderiam a uma fase B, um período de depressão econômica, que se oporia aos séculos XII e XIII, fase A de crescimento e de expansão.





OXFORD

Amartya Sen
Poverty and Famines

An Essay on Entitlement and Deprivation



Jean-Pierre Devroey

La Nature et le roi

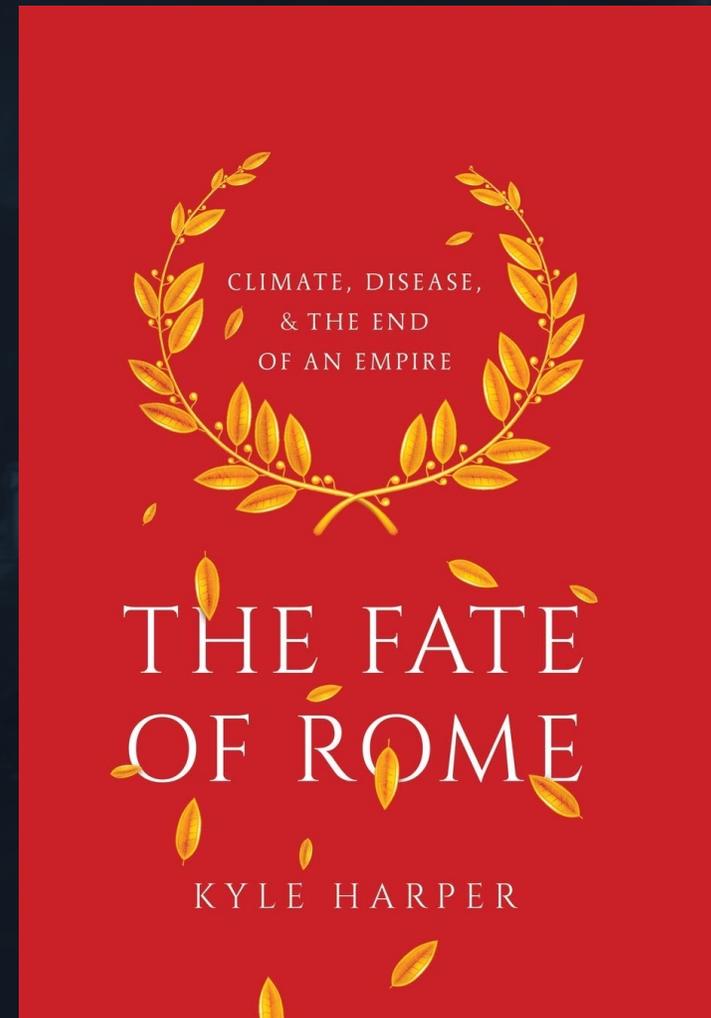
Environnement, pouvoir et société
à l'âge de Charlemagne (740-820)

*Préface de
Patrick Boucheron*

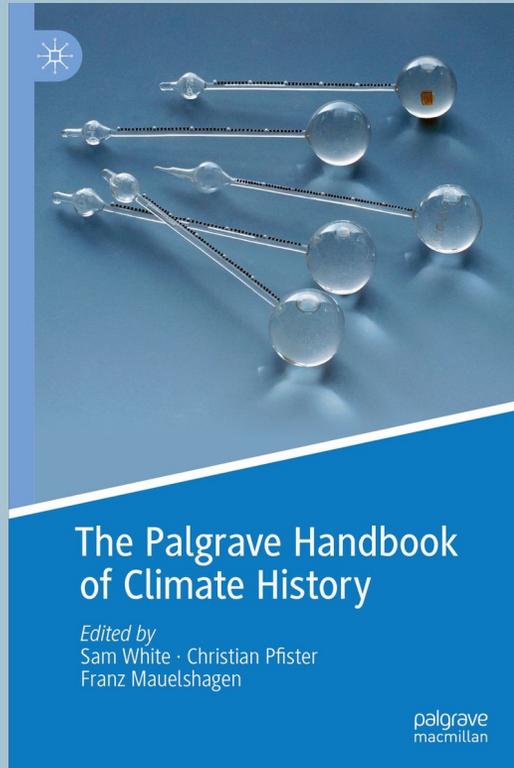

Albin Michel

DEVROEY, Jean Pierre. **La Nature et le Roi** : Environnement, pouvoir et société a l'âge de Charlemagne (740-829). Paris: Albin Michel, 2019.

HARPER, Kyle. **The Fate of Rome**: climate, disease and the end of an empire. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2017.



NEWFIELD, Timothy. The climate downturn of 536-50.
In: WHITE, Sam; Pfister, Christian; MAUELSHAGEN, Franz. **THE PALGRAVE
HANDBOOK OF CLIMATE HISTORY**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018, p. 467-468



Tem havido uma tendência entre os historiadores de ignorar ou minimizar as evidências paleoclimáticas, rebaixar a anomalia a um incidente atmosférico menor e, assim, subestimar seu significado cultural, demográfico e econômico. Esses estudiosos perdem a oportunidade de ver a recessão como ela foi e de destacar a resistência das sociedades contemporâneas a anomalias climáticas abruptas e severas. De fato, muitos preferem escrever a história como se os povos do século VI (e as economias agrárias orgânicas pré-modernas em geral) não fossem perturbados por flutuações drásticas de temperatura. No outro extremo do espectro, muitos cientistas naturais e alguns historiadores e arqueólogos que priorizam indicadores climáticos descreveram o evento como um divisor de águas, um fenômeno quase sem paralelo que abalou as sociedades do século VI. Esses estudiosos tendem a ver os povos do século VI como altamente vulneráveis às mudanças ambientais, socioeconomicamente fracos e rígidos e, conseqüentemente, incapazes de se adaptar a uma anomalia dessa escala.

A “Crise do século XIV” e suas explicações

1. O paradigma neomalthusiano (1930-1980)

- Michael Postan (ed.). **Medieval Agrarian Society in its Prime**. Cambridge, 1966:

Na ausência do progresso técnico, o crescimento da população, ocorrida entre os séculos XI e XIII, provocou a usura dos solos cultivados em excesso e a extensão das culturas a zonas até então incultas, pois de má qualidade; essas terras marginais mantiveram baixo rendimento.

O desequilíbrio entre a população e os recursos disponíveis provocou ajustes brutais: fome (a partir de 1315), guerras (1337) e epidemias (a partir de 1347).

A “Crise do século XIV” e suas explicações

2. A explicação marxista (1960-1980)

Extensão da crise ao domínio cultural e religioso: a grande depressão do final da Idade Média é um “sistema coerente”, cujos efeitos englobam toda a civilização.

Tese neomalthusiana não explica a situação após 1347: persistência de epidemias e da fome até a metade do século XV, apesar de uma maior disponibilidade de terras e de uma diminuição considerável da população.

Retomada do aumento populacional ocorreu somente durante a pequena era glacial...

Explicações neomalthusianas não levam em conta a organização social.

Robert Brenner. **Agrarian Class Structure and Economic Development in Pre-industrial Europe** (1974):

Por que a acumulação que conduziu ao capitalismo não se produziu mais cedo? Por que o sistema de produção feudal gerou uma depressão tão profunda?

Mecanismos sóciopolíticos: peso exercido pelo sistema senhorial sobre os não-livres, através notadamente das multas de justiça e dos direitos de entrada sobre as tenências, teria gerado a crise.

BOIS, Guy. **Crise du féodalisme**. Économie rurale et démographie en Normandie orientale du début du XIVe siècle au milieu du XVIe siècle (1976):

A capacidade dos senhores de confiscar uma grande parte das riquezas obtidas pelos camponeses da terra constitui o cerne do sistema econômico medieval; arroteamentos eram mais comuns do que a intensificação da produção; colonização de terras menos férteis provocou uma baixa da produtividade agrícola; estado sanitário das populações rurais se degradou. Rendas senhoriais diminuíram, pequenos senhores se engajaram nos exércitos reais; a guerra surgiu como um meio de recuperar rendas perdidas com a crise...

"Crise do Feudalismo" provocou ressurgência da Peste, a Guerra dos Cem Anos e o desenvolvimento do Estado.



BOIS, Guy. **La grande dépression médiévale:**
XIVe-XVe siècles. Les précédents d'une crise systémique. Paris, 2000.

O macabro, o pessimismo, o sentimento de fragilidade do homem, ligado aos caprichos de uma Fortuna onipresente, se instalam duravelmente nos espíritos e se manifestam mesmo depois do Renascimento. Não é surpresa para ninguém que um trend de mentalidades tenha se sobreposto aos trends da economia [em depressão] e do político [antidemocrático nos governos urbanos], e que os efeitos depressivos de uns e outros tenham se conjugado. J. Huizinga diagnosticou isso há muito tempo. Mais surpreendente é a exata correspondência entre o movimento intelectual, em seu nível mais elevado, e as outras dimensões da conjuntura mais longa. Uma inversão de amplitude comparável ocorreu a partir do final do século XIII. É ela que conduz a uma debandada da razão cujas múltiplas implicações podemos pressentir. A falha e o colapso das atitudes racionalistas é a companheira fiel da crise global da sociedade [...] Da mesma forma que a economia, o movimento das ideias era, assim, ameaçado por suas próprias contradições e resultava em impasses. A condenação, em 1277, pelo bispo de Paris, Étienne Tempier, das proposições averroístas marcou o fim da tentativa de racionalização da visão religiosa do mundo, iniciada um século mais cedo.



A tese da "Crise do Feudalismo" busca explicar a persistência da crise, apesar da queda demográfica ocorrida após 1347, além de propor uma visão global das sociedades dos séculos XIV e XV.

Hegemonia dessa tese ao longo dos anos 1980 e 1990, sobretudo na França.

Ao mesmo tempo, ocorreu uma perda crescente de interesse pelas explicações globais e pela noção de crise sistêmica.

A partir dos anos 2000: aumento do interesse pela "resiliência"

DANIEL R. CURTIS

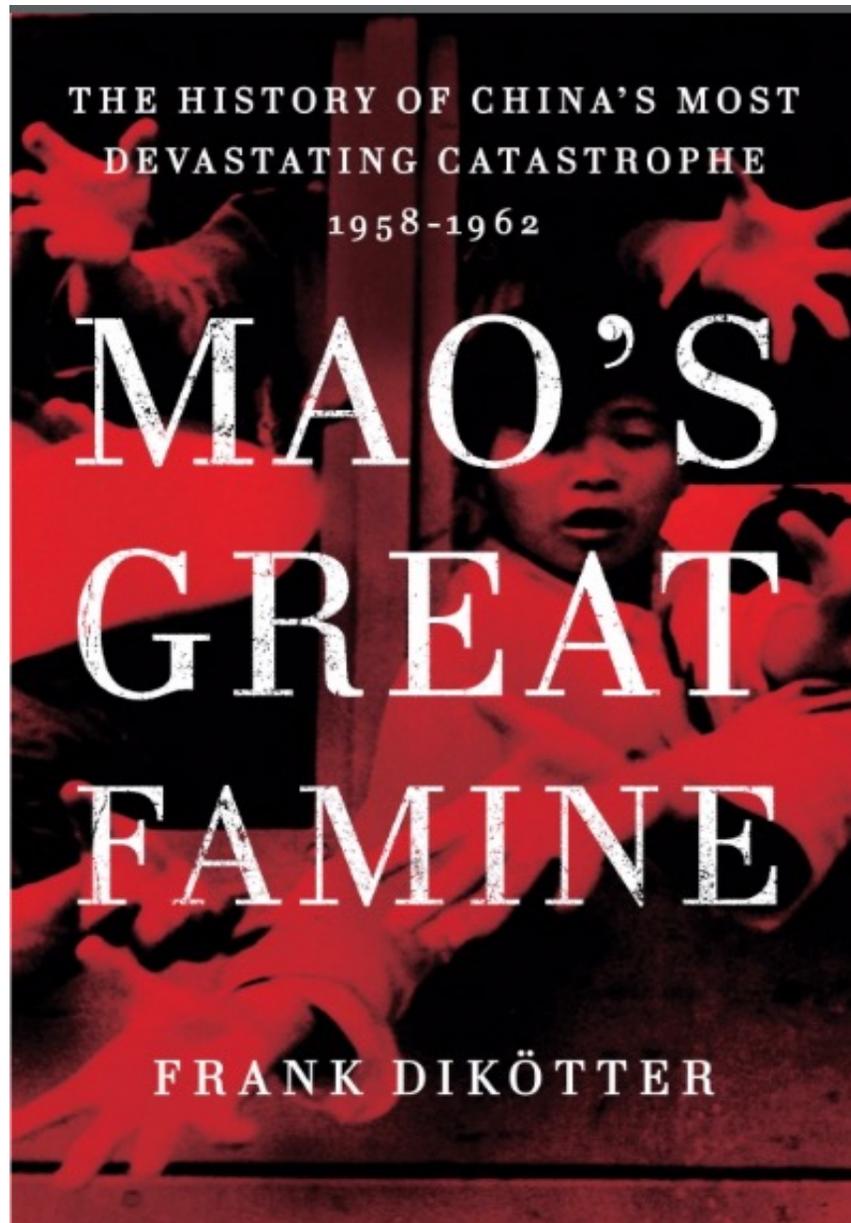


Coping with Crisis The Resilience and Vulnerability of Pre-Industrial Settlements



R U R A L W O R L D S

housing and capital goods. Thus, a ‘highly resilient settlement’ would be one that (despite experiencing, for example, flooding) experienced low numbers of casualties or at least recovered its population quickly and was able to retain its population even during hard times, put in measures to lessen or limit ruination of agricultural land, and either did not experience great destruction to housing and capital goods, or at least was able to reconstruct very quickly. In contrast, a ‘highly vulnerable settlement’ would be one that upon experiencing similar severe problems (such as flooding), experienced high numbers of casualties which perhaps never even recovered over the long term or led to widespread outward migration from the region in search of better opportunities, experienced terrible ruination of the local environment including ruination and loss of agricultural land, and suffered great losses to capital goods and housing – often never rebuilt to the same standard.



Título	Mao's Great Famine: The History of China's Most Devastating Catastrophe, 1958-1962
Autor	Frank Dikötter
Editora	Bloomsbury
Ano	2010

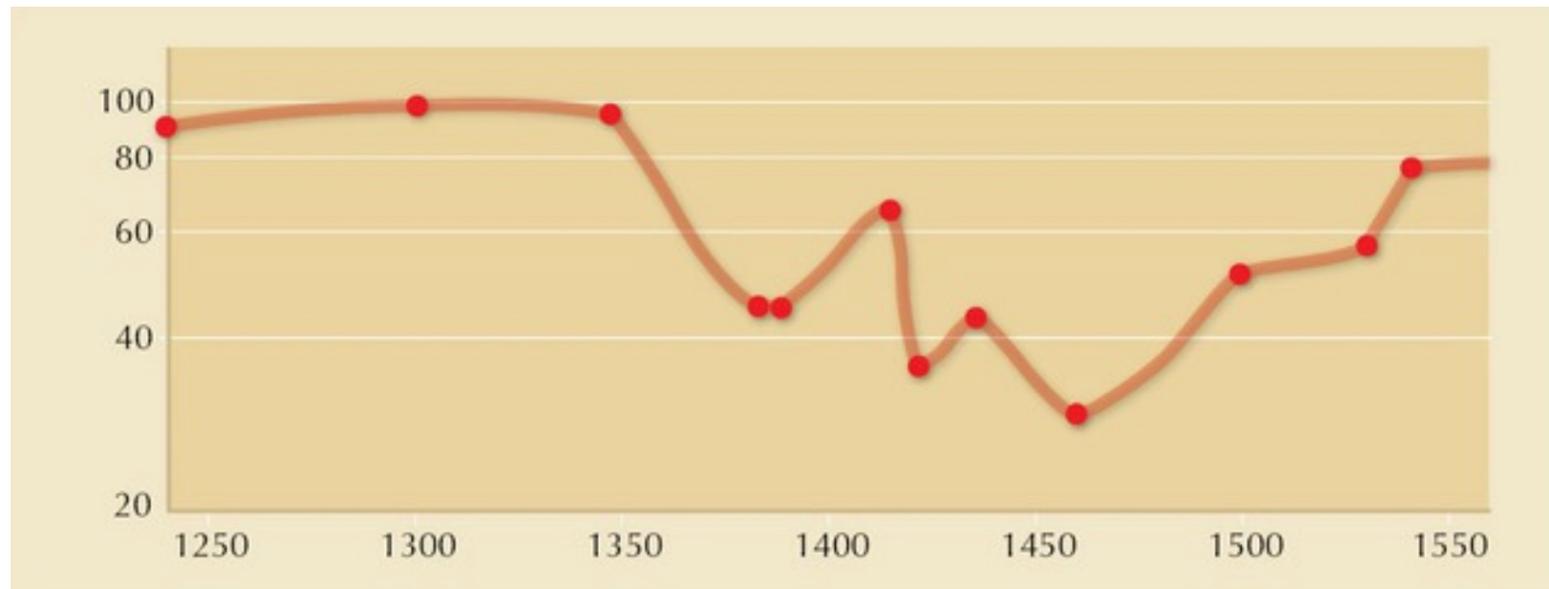
Pode ser tentador glorificar o que, à primeira vista, parece ser uma cultura de resistência de apelo moral por parte das pessoas comuns, mas quando a comida era finita, o ganho de um indivíduo era, com muita frequência, a perda de outro.

Mao's Great Famine: The History of China's Most Devastating Catastrophe, 1958-1962, p. 22



Cenas da vida de São Sebastião, afrescos da Capela de Saint-Sébastien de Lanslevillard (Savóia), final do século XV

A população rural na Normandia Oriental



ARTICLE

Plague and the Fall of Baghdad (1258)

Nahyan Fancy^{1*} and Monica H. Green²

¹Dept. of History, DePauw University, 7 E Larabee St., Greencastle, IN 46135, USA

²Independent Scholar, Phoenix, AZ, USA

*Corresponding author. Email: nahyanfancy@depauw.edu

Abstract

The recent suggestion that the late medieval Eurasian plague pandemic, the Black Death, had its origins in the thirteenth century rather than the fourteenth century has brought new scrutiny to texts reporting ‘epidemics’ in the earlier period. Evidence both from Song China and Iran suggests that plague was involved in major sieges laid by the Mongols between the 1210s and the 1250s, including the siege of Baghdad in 1258 which resulted in the fall of the Abbasid caliphate. In fact, re-examination of multiple historical accounts in the two centuries after the siege of Baghdad shows that the role of epidemic disease in the Mongol attacks was commonly known among chroniclers in Syria and Egypt, raising the question why these outbreaks have been overlooked in modern historiography of plague. The present study looks in detail at the evidence in Arabic sources for disease outbreaks after the siege of Baghdad in Iraq and its surrounding regions. We find subtle factors in the documentary record to explain why, even though plague received new scrutiny from physicians in the period, it remained a minor feature in stories about the Mongol invasion of western Asia. In contemporary understandings of the genesis of epidemics, the Mongols were not seen to have brought plague to Baghdad; they *caused* plague to arise by their rampant destruction. When an even bigger wave of plague struck the Islamic world in the fourteenth century, no association was made with the thirteenth-century episode. Rather, plague was now associated with the Mongol world as a whole.

Keywords: *Yersinia pestis*; Historical chronicles; Islamic medicine; Miasmatic theory; Mongol Empire

Article

The source of the Black Death in fourteenth-century central Eurasia

<https://doi.org/10.1038/s41586-022-04800-3>

Received: 19 July 2021

Accepted: 25 April 2022

Published online: 15 June 2022

Open access

 Check for updates

Maria A. Spyrou^{1,2,3}, Lyazzat Musralina^{2,3,4,5}, Guido A. Gneccchi Ruscone^{2,3}, Arthur Kocher^{2,3,6}, Pier-Giorgio Borbone⁷, Valeri I. Khartanovich⁸, Alexandra Buzhilova⁹, Leyla Djansugurova⁴, Kirsten I. Bos^{2,3}, Denise Kühnert^{2,3,6,10}, Wolfgang Haak^{2,3}, Philip Slavin¹¹ & Johannes Krause^{2,3}

The origin of the medieval Black Death pandemic (AD 1346–1353) has been a topic of continuous investigation because of the pandemic’s extensive demographic impact and long-lasting consequences^{1,2}. Until now, the most debated archaeological evidence potentially associated with the pandemic’s initiation derives from cemeteries located near Lake Issyk-Kul of modern-day Kyrgyzstan^{1,3–9}. These sites are thought to have housed victims of a fourteenth-century epidemic as tombstone inscriptions directly dated to 1338–1339 state ‘pestilence’ as the cause of death for the buried individuals⁹. Here we report ancient DNA data from seven individuals exhumed from two of these cemeteries, Kara-Djigach and Burana. Our synthesis of archaeological, historical and ancient genomic data shows a clear involvement of the plague bacterium *Yersinia pestis* in this epidemic event. Two reconstructed ancient *Y. pestis* genomes represent a single strain and are identified as the most recent common ancestor of a major diversification commonly associated with the pandemic’s emergence, here dated to the first half of the fourteenth century. Comparisons with present-day diversity from *Y. pestis* reservoirs in the extended Tian Shan region support a local emergence of the recovered ancient strain. Through multiple lines of evidence, our data support an early fourteenth-century source of the second plague pandemic in central Eurasia.



CASTEX, Dominique; KACKI, Sacha. *Funérailles en temps d'épidémie Croyances et réalité archéologique*, p. 27.

Pour les deux sites d'épidémie actuellement répertoriés pour le haut Moyen Âge, les individus sont inhumés dans une position et selon une orientation standardisées. Ils sont allongés sur le dos, leur tête repose systématiquement à l'ouest à Poitiers, et à l'ouest ou à l'est, selon les tombes, à Sens. En ce qui concerne les sépultures en relation avec la première vague épidémique de la seconde pandémie de peste, on note une gestion raisonnée des cadavres, ainsi qu'un relatif respect des pratiques funéraires en usage lors de la période précédant l'épidémie. Les individus sont orientés selon un axe grossièrement est-ouest, leur tête reposant généralement à l'ouest, à l'instar de la plupart des individus inhumés dans les cimetières médiévaux. De même, ils reposent, à de rares exceptions près, sur le dos, comme la plupart des défunts inhumés hors temps de crise.



A dinâmica na longa duração (séculos XII-XVI)



à l'échelle du siècle, le constat devrait donc être celui d'une dépression et d'une régression. Cependant, jamais sa capacité à s'étendre et son dynamisme n'ont été aussi évidents [...]. Mais, dans la division du travail historique, c'est aux historiens de la modernité qu'il revient de décrire l'expansion, les médiévistes se réservant l'inventaire des blessures dont la société européenne porte les marques. Les uns et les autres peuvent donc s'estimer dispensés de s'interroger sur les processus de longue durée qui, à travers croissance et décroissance, ont à terme transformé la société européenne en puissance dominante, tandis que ses concurrents s'effaçaient de l'échiquier politique



A depressão demográfica não trouxe consigo o colapso da civilização ocidental, como testemunham, no caso da tecelagem na região entre Paris e Rouen, as ferramentas e a mobília mais abundantes e mais eficazes, uma melhora dos equipamentos urbanos, o desenvolvimento administrativo e fiscal dos estados ou ainda os progressos da alfabetização.

Esses indícios convergentes mostram que essa dinâmica se inscreve na continuidade da expansão da Idade Média Central e que a depressão demográfica não induziu uma ruptura econômica estrutural.

CRISIS IN THE LATER MIDDLE AGES

Beyond the Postan-Duby Paradigm

Edited by
John Drendel



BREPOLS

COLLECTION DE L'ÉCOLE FRANÇAISE DE ROME - 450

LES DISETTES
DANS LA CONJONCTURE DE 1300
EN MÉDITERRANÉE OCCIDENTALE

Études réunies par Monique BOURIN, John DRENDEL et François MENANT



Dynamiques du monde rural
dans la conjoncture de 1300

Études réunies par **MONIQUE BOURIN,**
FRANÇOIS MENANT et **LLUÍS TO FIGUERAS**

éfp
Histoire
Archéologie
Sciences sociales

A “Crise de 1300” e suas explicações

As diferenças regionais

O Mediterrâneo (Monique Bourin e François Menant):

Dados arqueológicos mostram o inverso de uma pauperização geral em torno do ano 1300; a produção explode em inúmeros domínios, notadamente artesanais. Necessidade de confrontar dados arqueológicos e evidências textuais; verificar se os dados arqueológicos dão conta da pauperização de uma parte da população; verificar o que os dados textuais revelam em termos de riqueza material e desejo de consumo.

Um mundo que não conheceu a Grande fome: o Sul da Europa não sofreu o movimento catastrófico e devastador das chuvas repetidas de 1315-1317, seguidas de terríveis epizootias.

Nuanças e distorções regionais: camponeses da Toscana arruinados pelos mestres urbanos que compram as terras e as senhorias; espaço rural da Lombardia favorecido pelo investimento urbano

Luciano Palermo. **Sviluppo economico e società preindustriali. Cicli, strutture e congiunture in Europa dal medioevo alla prima età moderna.** Roma, 2001:

O autor retoma as reflexões de Amartya Sen para compreender as crises alimentares: fomes resultam mais de uma má organização das trocas e da ausência de democracia do que de uma deficiência produtiva.

Palermo sustenta que as camadas dirigentes das cidades estavam tomadas por interesses econômicos divergentes: investiam no campo, mas permaneciam sendo, grosso modo, mercadores da cidade.

Elites jogam com o mercado de grãos e se aproveitam da situação de fome para comprar terras a um bom preço, até o momento em que a situação urbana torna-se caótica e é necessário recorrer às importações.

Crises alimentares não são unicamente o efeito de uma superpopulação e do esgotamento dos solos, mas também uma consequência da organização dos mercados.

*B i b l i o t h è q u e
de l'Évolution de l'Humanité*

Jacques Chiffolleau

La comptabilité de l'au-delà

Les hommes, la mort et
la religion dans la région d'Avignon
à la fin du Moyen Âge

Préface de Jacques Le Goff



Se, a partir da década de 1320 e especialmente depois de 1360-1380, os preâmbulos dos testamentos se tornaram mais longos, se os pedidos de procissões fúnebres se tornaram mais numerosos e mais detalhados, se a atenção ao corpo morto e ao seu enterro aumentou, assim como o cuidado dado às comemorações do ano de luto, foi claramente porque, a partir de então, para algumas pessoas, o costume sozinho não podia mais decidir sobre a organização dos funerais ou assumir total responsabilidade pela morte de todos. Graças aos testamentos, atos voluntários, outras referências e outras exigências foram impostas, que, no entanto, pareciam ser bastante compartilhadas, pelo menos na cidade, e que não podiam ser reduzidas à necessidade de ostentação por parte dos mais ricos ou à força dos modelos que eles queriam impor (mesmo que, é claro, esses elementos de distinção social, participando do capital simbólico dos mais poderosos, também estivessem presentes).

No entanto, os efeitos do desenraizamento e da imigração - um fenômeno maciço em Avignon, onde dois terços da população não nasceram na cidade ou em sua região - e a maior ou menor capacidade de encontrar "predecessores" no túmulo ou no cemitério, para manter fortes vínculos genealógicos, também foram levados em consideração.

A peste apenas acentuou esse fenômeno ao romper os laços familiares e as solidariedades tradicionais e ao impedir ritos e reuniões de consolação, mesmo entre os ricos.

A impossibilidade de se juntar novamente aos ancestrais, longe de resultar sempre na completa dessocialização daqueles que foram afetados, poderia, ao contrário, apoiar a criação de novos vínculos (dos quais a atividade das irmandades, como já mencionei, forneceu um exemplo muito bom). Também poderia encorajar a invenção de novos objetos ou novas práticas culturais (quando pensamos na corte pontifícia de Avignon, como não pensar em Petrarca, que era exilado e órfão, mas muito bem adaptado ao mundo em que vivia...). Por fim, permitiu a imposição de novas formas de autoridade, em que a lei (e não mais o costume) desempenhava um papel central e a obediência era exigida pelo menos tanto quanto a lealdade.

O que estava em jogo nas muitas medidas previstas nos testamentos não era apenas a construção e a manutenção de uma memória, tão importante socialmente e cujo papel central os historiadores alemães nos ensinaram a reconhecer entre os séculos VIII e XIII. Era também, e talvez acima de tudo, a capacidade dos ritos de dar aos mortos um futuro invejável (céu, uma saída rápida do purgatório), de garantir sua salvação por meio de ações e, portanto, de manter trocas lucrativas com o além, de manter fortes vínculos com Deus e de sustentar a crença na economia da salvação.



Kathleen Pribyl

Farming, Famine and Plague

The Impact of Climate
in Late Medieval England

 Springer

Os dados confirmam que o final da Idade Média não foi apenas uma época de transição social, econômica e cultural, mas também de mudanças climáticas. Na Inglaterra, a mudança nas condições climáticas se manifesta no resfriamento das temperaturas da estação de verão desde o final da Anomalia Climática Medieval até a Pequena Idade do Gelo; o período intermediário, o século XIV, foi marcado por uma alta variabilidade dos esquemas de temperatura e precipitação. O clima e a variabilidade climática desempenharam um papel importante como impulsionadores das mudanças no final da Idade Média, influenciando a mortalidade humana e, portanto, o desenvolvimento demográfico por meio do controle do sucesso e do fracasso da agricultura, bem como fornecendo as condições necessárias para o surto de peste ao impulsionar a produtividade da vegetação e criar os invernos médios e a mudança repentina para primaveras e verões quentes e secos necessários para o máximo da população de roedores e o desenvolvimento de pulgas. O impacto do clima, entretanto, não foi direto, mas operou dentro de uma estrutura socioeconômica, cultural e também ambiental. Com a diminuição da população inglesa após 1350, no entanto, as colheitas reduzidas pelas chuvas e pelo frio se traduziram com menos frequência em fome e preços altos, embora o sofrimento das classes mais baixas não tenha sido erradicado.

Além disso, as estratégias de enfrentamento foram aprimoradas no final da Idade Média, o comércio internacional de grãos tornou-se mais estabelecido e, em tempos de crise, as importações de grãos eram organizadas pela coroa inglesa ou pelo prefeito de Londres (1352, 1390, 1416). Com relação às doenças epidêmicas antes da introdução da *Yersinia pestis* na Inglaterra, os semestres quentes e secos do verão ou, pelo menos, os verões consideravelmente mais quentes do que os anos anteriores não eram um fator importante nas crises de mortalidade; o número de mortes por problemas gastrointestinais, que frequentemente ocorrem no verão, era limitado. Os meses quentes e secos do verão tornaram-se um risco após 1350. Embora a chegada da peste na Inglaterra e sua alta mortalidade entre uma população virgem não tenham sido impulsionadas por fatores climáticos regionais na forma de condições quentes e secas, a disseminação da peste pela Ásia e pela Europa em meados do século XIV foi, em última análise, relacionada à mudança climática na região de origem da *Yersinia pestis*, na Ásia Central. Nos séculos XVI e XVII, as restrições ao movimento de pessoas e a quarentena no caso de uma epidemia provavelmente modificaram a disseminação da peste.



Fig. 13. Une des quatorze sépultures multiples (S.119) du cimetière d'Issoudun (Indre) contenant 22 individus déposés simultanément. Cl. F. Porcell (Inrap).



Fig. 14. Reconstitution de l'organisation des dépôts d'une sépulture multiple (S.119) d'Issoudun (Indre). Dessin B. Ducourneau (Inrap).

Funérailles en temps d'épidémie

Croyances et réalité archéologique

Dominique Castex & Sacha Kacki**

Une multitude d'idées reçues et de stéréotypes gravitent autour de la question des épidémies du passé. Ces dernières ont de longue date stimulé les fantasmes des historiens et du grand public, nourris par des sources textuelles et iconographiques relatant certains épisodes épidémiques particulièrement terrifiants par la massivité et la brutalité de la mortalité qu'ils ont provoquée. Dans l'imaginaire collectif, ces crises aiguës de mortalité sont aujourd'hui encore perçues comme la cause de bouleversements systématiques des comportements des populations leur faisant face, tant vis-à-vis des malades que des individus trépassés. Selon ce schéma de pensée, les traditions des funérailles, de la cérémonie *stricto sensu* aux gestes pratiqués envers le corps, auraient souvent été abandonnées au profit de mises en terre hâtives, répondant à des considérations strictement pragmatiques. S'il n'est pas dans notre intention, loin s'en faut, de nier l'impact qu'eurent parfois les épidémies sur la gestion sépulcrale, l'abandon pur et simple des funérailles lors d'épidémies nous apparaît comme un concept réducteur et mérite d'être discuté au regard des données archéologiques aujourd'hui disponibles sur ces contextes.

Sites	Chronologie	Nature de l'épidémie	Principales publications ou rapports
Clos des Cordeliers, Sens (Yonne, France)	v ^e -vi ^e s.	Peste	Guignier 1997 ; Castex 2008
Espace Pierre Mendès-France, Poitiers (Poitou-Charentes, France)	v ^e -vi ^e s.	Peste ?	Sansilbano-Collilieux 1994 ; Godo 2010
East Smithfield, Londres (Angleterre)	xiv ^e s.	Peste ?	Grainger <i>et al.</i> 2008
Saint-Pierre, Dreux (Eure-et-Loir, France)	xiv ^e s.	Peste	Castex 1994, 2008
Saint-Côme-et-Damien, Montpellier (Hérault, France)	xiv ^e s.	Peste	Crubézy <i>et al.</i> 2006
Saint-Laurent-de-la-Cabrerisse (Aude, France)	xiv ^e s.	Peste	Kacki <i>et al.</i> 2011
Vilarnau (Pyrénées-Orientales, France)	xiv ^e s.	Peste	Passarius <i>et al.</i> 2008
Couvent de Santa Clara, Palma de Majorque (Baléares)	xvi ^e s.	Peste ?	Castex 2008
Lambesc, Les Fédons (Bouches-du-Rhône, France)	xvi ^e s.	Peste	Bizot <i>et al.</i> 2005
Maria Troon, Dendermonde (Belgique)	xvi ^e -xvii ^e s.	Peste ?	Gueguen 2011
Larief , Puy-Saint-Pierre (Hautes-Alpes, France)	xvii ^e s. (1629-1630)	Peste	Signoli <i>et al.</i> 2007
Saint-Benoît, Prague (République tchèque)	Fin xvii ^e s.	Peste ?	Castex <i>et al.</i> 2011
Hospitaliers de Saint-Jean-de-Jérusalem, Épinal (Vosges, France)	xvii ^e - xviii ^e s.	Peste ?	Réveillas 2010
Hospice Sainte-Catherine, Verdun (Meuse, France)	xvii ^e - xviii ^e s.	Peste ?	Kuchler 1999 ; Réveillas 2010
Issoudun (Indre, France)	Fin xvii ^e s. - début xviii ^e s.	Peste ? Rougeole ?	Castex 2008 ; Blanchard <i>et al.</i> 2011 ; Souquet-Leroy <i>et al.</i> 2011
Îlot Saint-Louis, Boulogne-sur-Mer (Pas-de-Calais, France)	xviii ^e s.	Variole ?	Castex & Réveillas 2007
L'observance/Leca, Marseille (Bouches-du-Rhône, France)	Début xviii ^e s. (1720-1722)	Peste	Signoli 2006
Les Capucins de Ferrières, Martigues (Bouches-du-Rhône, France)	Début xviii ^e s. (1720-1722)	Peste	Tzortzis <i>et al.</i> 2007
Le Délos, Martigues (Bouches-du-Rhône, France)	Début xviii ^e s. (1720-1722)	Peste	Signoli 2006
Rue Nicolas-Roland, Reims (Marne, France)	Fin xviii ^e s. - début xix ^e s.	Choléra	Bonnabel & Paresys 2011

Tabl. 1 – Inventaire des sites pris en compte dans la discussion des modalités d'inhumation en temps d'épidémie. Seuls ont été retenus les ensembles sépulcraux pour lesquels nous disposons d'informations archéologiques sur les modalités d'enfouissement des défunts.

de nature épidémique. Les exemples développés offrent une image détaillée et nuancée du traitement des morts dans ces contextes particuliers, qui apparaît bien éloignée des stéréotypes généralement admis. Ce constat doit inviter à la plus grande prudence quant aux interprétations tirées de certaines sources littéraires et iconographiques, lesquelles fournissent bien souvent une description apocalyptique des événements. La plupart des sites sur lesquels est fondée notre étude rendent compte de l'adaptation et de la maîtrise qu'ont su développer les sociétés du passé face aux crises épidémiques auxquelles elles ont été confrontées. Le recours à l'inhumation individuelle en contexte de surmortalité, de même que l'orientation et la disposition des corps au sein d'une même tombe, constituent les arguments tangibles d'une gestion rationnelle et soignée des cadavres.

Outre ces points généraux, l'étude a mis en évidence une grande variabilité dans les modes sépulcraux qui, selon nous, résulte de différents paramètres. Ces différences pourraient refléter un équilibre précaire entre la volonté des vivants de maintenir les pratiques funéraires en vigueur et la nécessité de recourir ponctuellement, lors des pics de mortalité les plus importants, à des modalités d'inhumation adaptées à l'urgence de la situation (sépulture multiple plutôt qu'individuelle). Ces différences pourraient trouver leur origine dans la structure sociale et la taille des populations affectées, ce qui est susceptible d'influencer l'évolution et la diffusion des épidémies, de même que le nombre de cadavres à mettre en terre.

Malgré la grande variabilité du traitement sépulcral des victimes d'épidémie, certaines tendances chronologiques peuvent être mises en exergue. On note ainsi qu'entre le bas Moyen Âge et l'Époque moderne, le recours à de grandes sépultures multiples, voire à de véritables charniers, s'intensifie au cours du temps. D'autres aspects du traitement des corps, tel l'application de chaux, semblent directement liés aux avancées dans la connaissance médicale, et plus particulièrement dans celle de la contagion.

ARNOUX, Mathieu. Croissance et crises dans le monde médiéval XIe-XVe siècle. Réflexions et pistes de recherche. *Cahiers du monde russe Russie - Empire russe - Union soviétique et États indépendants*, 46/1-2, 2005, p. 115-132.

BENITO I MONCLUS, Pere. "Famines sans frontières en Occident avant la 'conjoncture de 1300'". In: BOURIN, Monique; DRENDEL, John; MENANT, François (dir.). *Les disettes dans la conjoncture de 1300 en Méditerranée Occidentale*. Roma: École Française de Rome, 2011, p. 37-86.

BOURIN, Monique; MENANT, François; TO FIGUEIRAS, Lluís (dir.). *Dynamiques du monde rural dans la conjoncture de 1300*. Roma: École Française de Rome, 2014.

CHIFFOLEAU, Jacques. *La comptabilité de l'au-delà: les hommes, la mort et la religion dans la région d'Avignon à la fin du Moyen Âge, vers 1320-vers 1480*. Roma: École Française de Rome, 1980.

CLANCHY, Michael. *From Memory to Written Record. England 1066-1307*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013 (1a ed., 1979).

CORTONESI, Alfio; PALERMO, Luciano. *La prima espansione economica europea. Secoli XI-XV*. Milão: Carocci, 2009.

JORDAN, Willian Chester. *The Great Famine. Northern Europe in the Early Fourteenth Century*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

PALERMO, Luciano. *Sviluppo economico e società preindustriali. Cicli, strutture e congiunture in Europa dal medioevo alla prima eta moderna*. Roma: Viella, 2001.